

O mundo do açúcar: como a substância doce transformou nossa política, saúde e meio ambiente ao longo de 2.000 anos

The World of Sugar. How the Sweet Stuff Transformed Our Politics, Health, and Environment over 2,000 Years

Christine Dabat*

Resenha: BOSMA, Ulbe. **The World of Sugar.** How the Sweet Stuff Transformed Our Politics, Health, and Environment over 2,000 Years. Cambridge: Harvard UP, 2023.

Palavras-chave: açúcar; mundialização; organização da produção.

Keywords: sugar; globalization; production agency.

NUM MUNDO cada vez mais atento aos malefícios diversos do produto típico da modernidade – o açúcar –, uma série de obras denunciam a situação. Na esteira dos clássicos como a grande *História do açúcar*, de von Lippmann;¹ a obra rara de Deerr, *A história do açúcar*;² o notável *Açúcar na vida dos povos*, de Baxa & Bruhns;³ ou, mais recentemente, *Doçura e poder*, de Sidney W. Mintz,⁴ pesquisadores de diversas nacionalidades vêm enriquecer o elenco dos herdeiros desses mestres.

Além de estudos focados em áreas geográficas específicas – no caso do Brasil, podem ser citados as recém-publicadas pesquisas de Thomas Rogers, *A energia da agricultura*,⁵ e José Marcelo Marques Ferreira Filho, *Arquitetura especial da plantation*

* Professora na UFPE. E-mail: christine.dabat@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5715-7098>.

1 LIPPMANN, Edmund von. **Geschichte des Zuckers:** Seit den ältesten Zeiten bis zum Beginn der Rübenzucker-Fabrikation: ein Beitrag zur Kulturgeschichte. Berlin: Springer, 1929. Tradução em português: **História do açúcar**, desde a época mais remota até o começo da fabricação do açúcar de beterraba. Tomo I e II. Rio de Janeiro: IAA, 1941-42.

2 DEERR, Noel. **The History of Sugar.** 2 vol. London: Chapman and Hall, 1949.

3 BAXA, Jakob; BRUHNS, Guntwin. **Zucker im Leben der Völker.** Berlin: A. Barten, 1967.

4 MINTZ, Sidney W. **Sweetness and Power.** The place of sugar in Modern History. New York: Viking Penguin, 1985. Entre as numerosas traduções: **Dulzura y Poder** – El Lugar Del Azúcar em la Historia Moderna. México: Siglo Veinteuno Editores, 1996.

5 ROGERS, Thomas D. **Agriculture's Energy.** The trouble with ethanol in Brazil's Green Revolution. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2022.

açucareira no Nordeste do Brasil (Pernambuco, século XX)⁶ –, certos autores tomam o planeta como palco necessário. É o caso do algo panfletário *Como o açúcar corrompeu o mundo*, de James Walvin.⁷ Mas a *somma* para a temática é, sem a menor dúvida, o livro de Ulbe Bosma: *The World of Sugar. How the Sweet Stuff Transformed Our Politics, Health, and Environment over 2,000 Years*.⁸

Autor de um inovador *The Sugar Plantation in India and Indonesia. Industrial Production 1770-2010*,⁹ o professor holandês revela ao leitor americano a amplitude planetária da produção e particularmente a experiência do mundo asiático no ramo, no caso o sul do continente. J. H. Galloway¹⁰ já havia delineado alguns contornos desta outra parte do mundo do açúcar, além daquela, mais familiar, do Mediterrâneo (vindo do mundo islâmico, pois “o açúcar segue o Al Corão”, segundo o ditado), inclusive em Al Andalus, antes das Américas ibéricas, precisamente.

Colocando em evidência a eminência da Ásia na história da “substância” – o uso da palavra *stuff* surpreende –, o autor descortina uma paisagem histórica muito plural nas modalidades de organização da produção. Tira assim, pela amplitude e peso do fenômeno no continente asiático, a suposta obviedade da *plantation* (segundo a definição já clássica de Mintz e Wolf em “Haciendas and plantations”¹¹) como necessária, quase que imposta pela natureza da produção, preponderante nas Américas há mais de cinco séculos.

Entre os traços distintivos da obra, pode-se destacar a abrangência da abordagem: de questões ambientais; inovações técnicas; linhagens e organizações patronais; financiamentos e papel dos Estados (particularmente coloniais, mas não somente, a respeito da beterraba na Europa, por exemplo); até as diversas modalidades concretas de utilização de mão de obra com estatutos, no planeta, mais diversos do que se costuma considerar.

Como outros autores, o autor sublinha, nos capítulos iniciais, a importância das inovações e realizações da Pérsia, Síria, Egito, mas sobretudo da Índia, “onde tudo começou”, e mais geralmente a Ásia do sul. Roger Pol Droit já recomendou não esquecer a Índia. Mas igualmente a China e todo o arco das influências continentais dessas duas grandes civilizações. Nessas regiões, aperfeiçoaram-se progressivamente métodos tanto agrícolas quanto de transformação e produção de substâncias diversas (distintas do

6 FERREIRA FILHO, José Marcelo Marques. **Arquitetura espacial da plantation açucareira no Nordeste do Brasil** (Pernambuco, século XX). Recife: Edufpe, 2022.

7 WALVIN, James. **How Sugar Corrupted the World**. From slavery to obesity. London: Robinson, 2019.

8 BOSMA, Ulbe. **The World of Sugar**. How the Sweet Stuff Transformed Our Politics, Health, and Environment over 2,000 Years. Cambridge: Harvard University Press, 2023.

9 BOSMA, Ulbe. **The Sugar Plantation in India and Indonesia. Industrial Production 1770-2010**. New York: Cambridge University Press, 2013.

10 GALLOWAY, J. H. **The Sugar Cane Industry**. An historical geography from its origins to 1914. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

11 MINTZ, Sidney W.; WOLF, Eric. Haciendas and Plantations in Middle America. **Social and Economic Studies**, Kingston, n. 6(3), p. 380-412, Sept. 1957. Tradução em português: MINTZ, Sidney W. **O poder amargo do açúcar**. Produtores escravizados, consumidores proletarizados. 2ª ed. revista e ampliada. Recife: Edufpe, 2010. p. 169-223.

resultado final recente, no mundo ocidental: o açúcar branco) em sistemas muito diferentes do pacote tecnológico descrito por Stuart Schwartz¹² que chegou aqui no Brasil.

Na Ásia, pode-se destacar, a este respeito, a permanência de campesinatos com acesso a terra mantido, de algum modo, apesar dos ataques coloniais visando a famosa separação dos produtores dos meios de produção, identificado por Marx como a base do capitalismo.

Outro aspecto relacionado diz respeito à questão das migrações, espontâneas, forçadas ou incentivadas, particularmente no século XIX, pós-abolição: os trabalhadores sob contrato, terminologia oficial para designar o que autores do calibre de Dale Tomich chamaram de ‘segunda escravidão’. Chineses vítimas dos distúrbios contemporâneos da grande rebelião Taiping e sua repressão, ou camponeses bengalis expulsos de suas terras pela *Honorable Company* ou seu sucessor, o Raj, por resistirem à imposição de produzir ópio, “abasteciam as migrações para os canaviais de Cuba, Peru ou Hawai” (p. 141), e Mauritius, as Ilhas Fidji ou Suriname, para os indianos. 25% dos deportados morriam na travessia, e a metade dos sobreviventes morriam antes da conclusão de seu ‘contrato’ de oito anos, no caso dos chineses.

A estrutura do livro é interessante na medida em que aborda, em sucessão cronológica sistemática, as temáticas de produção, comercialização e consumo do produto, bem como os detalhes na organização das empresas e suas conexões comerciais e bancárias – seguindo percursos de vida ou de famílias –, particularmente no âmbito colonial, ao fio dos séculos e nos diversos ambientes geográficos. Ele destaca também a densidade e multiplicidade das trocas entre eles. Por exemplo, a difusão de inovação tecnológica da Ilha da Reunião a Mauritius, Natal (África do Sul), Madagascar, Penang, das Antilhas, Brasil e Puerto Rico (p. 110).

Essas redes de trocas não esperaram a época colonial para se formarem, mas não se interromperam com ela, na medida em que os espaços americanos foram incorporados aos circuitos seculares originais – asiáticos. Toques sobre a demografia, os jardins botânicos, escolas de desenvolvimento de tecnologias e as sociedades acadêmicas etc. enriquecem o panorama.

Se a Ásia é o elemento inovador para o público brasileiro, e mais geralmente ocidental, o autor não hesita em revisitar o hemisfério americano em diversas dimensões, particularmente o Caribe, como de praxe. Como Mintz (citado três vezes, e apenas na obra acima mencionada, embora reconhecido pelo autor como havendo “encorajado reequilibrar o viés centrado no Atlântico”, p. 429), utiliza fontes primárias publicadas, bem como estudos diversos.

A esse respeito, são tratadas, no contexto da questão das migrações organizadas, as preocupações eugênicas das autoridades e, mais geralmente, das classes dominantes. Na

12 SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

América (São Domingos, Brasil, Argentina etc.) como na Ásia (Austrália, por exemplo), o que foi chamado aqui de “branqueamento da raça” constitui uma preocupação constante dos esquemas do tipo *settler colonialism*.

Outro ponto interessante é o que o autor chama de “açúcar camponês” (p. 190) – aqui a rapadura –, que se faz presente em muitos lugares e não somente na Índia, onde o gosto pelo *gur* resiste até hoje às seduções modernizadoras do açúcar branco refinado.

A geopolítica, sempre presente, é associada a opções empresariais diversas. O tamanho gigantesco das refinarias, desde o final do século XIX, de Cuba a Hong Kong, passando pela Alemanha, manifesta a celebração do progresso tecnológico, na associação com ferrovias após o vapor e vácuo, entre outros sinais incontestes de modernidade.

Quanto aos atores principais – os trabalhadores de ambos os sexos, embora presentes ao fio dos capítulos –, eles aparecem em plena luz na época contemporânea, no capítulo 11, intitulado apropriadamente “O proletariado”. Considerando espaços asiáticos – Java, Negros nas Filipinas, ou Hawaí –, o autor detalha a tendência histórica a certa homogeneização da organização da produção com a presença crescente de empreiteiros (os chamados ‘gatos’ na zona canavieira do Nordeste) também nas Américas. São examinados os mesmos desdobramentos na modernização da parte agrícola da produção, com a progressiva mecanização, pelo menos do corte, após a fase de queima da cana solta usando carregadeiras e, quando impossível pela configuração topográfica, o ‘burro sem rabo’, termo cunhado pelos próprios trabalhadores, provando um senso de humor talvez algo amargo.¹³

Ao longo dos capítulos, o autor toma cuidado em mencionar sempre a parte patronal, às vezes com detalhes sobre personalidades e companhias, bem como lista das organizações e acordos internacionais e seus desdobramentos. Poderia se desejar um pouco mais destes detalhes para a parte dos trabalhadores e de suas organizações, inclusive no âmbito das representações, como o explorou Antônio Montenegro.¹⁴ No caso do Brasil, são citados autores importantes: Josué de Castro e Celso Furtado (p. 265-7), bem como, repetidamente, Manuel Correia de Andrade, cuja abordagem histórico-geográfica abriu muitas perspectivas.

Com certeza, poderia se acrescentar, por exemplo, além dos títulos já citados, a tese de Anthony Pereira¹⁵ em língua inglesa. Da mesma forma, espera-se algo mais sobre o IAA (mencionado rapidamente na p. 240), o Estatuto da Lavoura Canavieira (1941) e sobretudo o Estatuto do Trabalhador Rural (1963), considerado por Caio Prado Jr. “uma verdadeira

13 ARAÚJO, Espedito Rufino de. **O trator e o ‘Burro sem Rabo’**. Consequências da modernização agrícola sobre a mão de obra na região canavieira de Pernambuco – Brasil. Genève: IUED (mimeo), 1990.

14 MONTENEGRO, Antonio Torres. “Cabra marcado para morrer”. **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. pp. 179-192.

15 PEREIRA, Anthony Wynne. **Regime Change Without Democratization: Sugar Workers’ Unions in Pernambuco, Brazil, 1961-89**. Cambridge: Harvard University, 1991.

complementação da lei que aboliu a escravidão em 1888”.¹⁶ Pois, concluiu um período de 75 anos de lacuna jurídica (identificada pela jurista Magda Biavaschi¹⁷) para a mais numerosa força de trabalho em Pernambuco, por exemplo, os canavieiros.

Algumas incursões na África (cujas mazelas são ilustradas, em Costa do Marfim entre outros países¹⁸), com constante concentração do capital, proletarização da mão de obra despossuída de sua terra, além do desmatamento habitual.

O resultado para os trabalhadores – em escala mundial – é sobriamente resumida: “Embora os cortadores de cana não sejam mais flagelados e torturados como no passado escravista, continuam sendo considerados como descartáveis e, após doze anos de trabalho, geralmente esgotados fisicamente. *Amnesty International* observou, ainda em 2008, que os canavieiros no Brasil estavam vivendo em ‘condições análogas à escravidão’.” (p. 294). Nota-se que, no Brasil, essa designação conheceu sua primeira formulação jurídica detalhada por obra dos integrantes do Ministério do Trabalho, em Recife.

A questão ecológica – sobretudo no sentido do desmatamento – aflora novamente com ubiquidade no aparecimento do novo combustível, o etanol, trunfo do suposto “capitalismo verde” (p. 305). As dimensões de poluição (notadamente da água e do ar) não podem ser esquecidas, sem falar da extinção de inúmeras espécies ligadas ao desmatamento – mencionado com constância – e uso de produtos químicos.

O último capítulo, “Mais doce que a natureza”, aborda os embates em torno dos problemas de saúde ocasionados pelo consumo de açúcar, particularmente a epidemia de diabete e obesidade que afeta tantos países. Listando algumas das diretrizes oriundas das autoridades, o autor se detém, mais uma vez e com muita propriedade, às manobras diversas dos grandes capitalistas do ramo para contornar normas oficiais e encontrar novos produtos cuja inocuidade ou nocividade está ainda em debate.

A conclusão do autor é categórica: “O açúcar foi tão central na história do capitalismo que a indústria açucareira atual se parece como um nó gordiano. Problemas consideráveis no ambiente, a saúde e questões humanitárias acumularam-se junto com a expansão sem trégua das fronteiras do açúcar.” (p. 337). Sugere-se, por fim, a adoção de medidas oficiais para cortar o dito nó gordiano de “superprodução, superexploração e consumo excessivo no mundo do açúcar” (p. 338).

Fotos vêm pontuar apropriadamente o texto, ao ritmo de uma a três por capítulo, sem muita originalidade na escolha ou qualidade da impressão, deve-se dizer, pensando no livro de Baxa e Bruhns, por exemplo. Não há mapas que poderiam ajudar o leitor a seguir as viagens do autor, por assim dizer, das Américas às diversas partes da Ásia, particularmente o sul, e até o Japão, passando pela Europa incluída a Rússia. Um gráfico apenas, sobre

16 PRADO Jr., Caio. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 143.

17 BIAVASCHI, Magda Barros. **O Direito do Trabalho no Brasil 1930-1942**. A construção do sujeito de direitos trabalhistas. São Paulo: Associação Luso-Brasileira de Juristas do Trabalho (Jutra), 2007.

18 CAHIERS DE L’IUED, n. 8/9. **Le village piégé**. Urbanisation et agro-industrie sucrière en Côte d’Ivoire. Paris/Genève: IUED/PUF, 1978.

o consumo, aparece (p. 311), e dá uma perspectiva de apresentação dos dados muito acessível e sistemática, aliás uma das grandes qualidades do livro de Al Imfeld.¹⁹

Pode-se lamentar também a ausência de uma bibliografia constituída como tal (mas como é aparentemente uma nova tendência na edição, inclusive acadêmica, responsáveis são, sem dúvida, os editores). Contudo, as notas reunidas por capítulo, no fim do volume, fornecem, como se fosse a granel, a vultosa biblioteca consultada para a realização de uma obra que merece ser traduzida e publicada no Brasil – “um dom do açúcar”, segundo Caio Prado Jr. –, o que, lamentavelmente, ainda não ocorreu com *Sweetness and Power*, de Mintz, lançado há quase 40 anos.

Recebido: 29/07/2024

Aprovado: 14/08/2024,

19 IMFELD, Al. **Zucker**. Zurich: Union Verlag, 1983.